

**SUBJETIVIDADE VERDE: FICÇÃO  
E IDENTIDADE EM *THE OVERSTORY***

**GREEN SUBJECTIVITY: FICTION  
AND IDENTITY IN *THE OVERSTORY***

Anderson Soares Gomes<sup>1</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo investigar como o romance *The Overstory* (2018), de Richard Powers, desafia a construção literária tradicional ao configurar em sua narrativa um senso de identidade a entes não-humanos – no caso específico da obra, árvores. O romance consiste de nove personagens em narrativas diversas, que geralmente se entrecruzam, tendo em comum a presença central de pelo menos uma árvore em cada história e a apresentação da complexa relação entre tais personagens e essas entidades vegetais. O presente trabalho será organizado considerando dois focos de análise, a partir do romance: primeiramente, o embaçamento da divisão entre os conceitos de natureza e cultura, tendo como base estudos ambientalistas contemporâneos; e em segundo lugar, a relação entre um discurso econômico desenvolvimentista e o colapso ambiental, especialmente diante da conjuntura da nova época geológica conhecida como Antropoceno. Sendo assim, esse artigo pretende mostrar que *The Overstory* testa os limites da ideia de que apenas seres humanos são produtores de sentido, evidenciando que entes não-humanos também podem ser lidos como detentores de identidade.

**Palavras-chave:** identidade, natureza, ficção, antropoceno

**Abstract:** This article aims to investigate how the novel *The Overstory* (2018), by Richard Powers, challenges traditional literary construction, conferring in its narrative a sense of identity to non-human beings – in the specific case of this work, trees. The novel consists of nine characters in different intertwined narratives, having in common the central presence of at least one tree in each story presents the complex relation between the aforementioned characters and those vegetal beings. The present work will be organized considering two focal points, in relation to the novel: first, the blurring of the division between the concepts of nature and culture, underpinned by contemporary environmental studies; and secondly, the relation between a developmentalist economic discourse and environmental collapse, especially under the new geological epoch known as the Anthropocene. Thus, this article intends to show that *The Overstory* tests the limits of the idea that only humans are the makers of meaning, highlighting that non-human beings can also be seen as possessors of identity.

**Keywords:** identity, nature, fiction, Anthropocene

**Submetido em 26 de agosto de 2020.**

**Aprovado em 10 de setembro de 2020.**

---

<sup>1</sup>Professor associado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Email: anderson.gomes@gmail.com.

## **Introdução**

O conceito de Antropoceno, desde que cunhado por Paul J. Crutzen e Eugene F. Stoermer em artigo publicado no ano 2000, vem cada vez mais abarcando áreas do conhecimento para além dos estudos estratigráficos. O termo, originalmente concebido para designar uma nova época geológica, posterior ao Holoceno, em que as atividades humanas afetam a estrutura do planeta de maneira jamais vista, tornou-se crucial para investigações conduzidas por disciplinas que compõem as chamadas ciências do sistema Terra, como climatologia, geoquímica e oceanografia (HAMILTON et al, 2015, p. 2)

A noção de Antropoceno, porém, também tem se mostrado essencial para discussões envolvendo as ciências humanas e sociais na contemporaneidade. Áreas como história, antropologia e sociologia, entre outras, veem no Antropoceno uma chave de estudo fértil para analisar as possíveis origens socioeconômicas dessa nova época, os futuros riscos do aprofundamento das estruturas que tornaram o Antropoceno possível e a própria ideia de humanidade responsável pela significativa alteração da vida na Terra.

Sendo assim, o Antropoceno está intimamente ligado ao que se convencionou chamar de crise climática, termo utilizado para designar um vasto conjunto de mudanças no sistema Terra causado por atividades antropogênicas e que põe em risco vidas humanas e não-humanas. Mesmo que alertas de cientistas contra o que se chamava no senso-comum de “destruição da natureza” ocorram pelo menos desde o século XVIII, é apenas a partir do final do século XX que a acentuada alteração em variados elementos da vida terrestre se torna uma preocupação sociopolítica em nível global. Como afirma o historiador Dipesh Chakrabarty:

A situação mudou nos anos 2000, quando as advertências se tornaram sinistras e os sinais da crise – como a seca na Austrália, ciclones e incêndios florestais frequentes, quebras de safra em muitas partes do mundo, o derretimento das geleiras do Himalaia e de outras montanhas, bem como das calotas polares, a acidez crescente dos mares e os danos à cadeia alimentar – se tornaram política e economicamente incontornáveis. Além disso, muitos passaram a expressar um receio cada vez maior frente à rápida destruição de outras espécies e às marcas globais de uma população humana prevista para ultrapassar a marca de nove bilhões em 2050. (CHAKRABARTY, 2013, p.3-4)

Sendo assim, o impacto da crise climática, um dos traços determinantes do antropoceno, lança a humanidade em um conflito existencial inédito. Por um lado, os seres humanos são confrontados em sua responsabilidade como catalisadores da destruição do planeta em nome do progresso e de uma estrutura socioeconômica de

cunho desenvolvimentista. Por outro lado, veem sua própria existência ameaçada diante de uma série de alterações nos processos biogeoquímicos que sustentam a vida na Terra.

Esse embate entre a irresponsabilidade do passado e a incerteza do futuro, considerando a crise climática, tem um impacto expressivo na produção cultural da contemporaneidade. Cada vez mais filmes, romances, videogames, dentre outros produtos da arte e do entretenimento, tematizam questões relacionadas à catástrofe ambiental.

A literatura, em especial, tornou-se um terreno privilegiado para examinar temas do antropoceno. Certamente, o gênero literário mais fecundo nessas investigações é a ficção científica. As produções literárias desse gênero, em geral, apresentam estruturas de enredo e modos de narrar que parecem acomodar com sucesso problemas postulados por uma nova época geológica. Em um sentido mais habitual, certas obras de ficção científica podem ser lidas meramente como exercícios de futurologia, entendidas como previsões para um mundo em que a crise climática se acentua. Outras obras se utilizam da crise climática como pano de fundo em que se desenrola o drama humano central da narrativa. A profusão de obras tematizando o aquecimento global e a emergência climática em geral levou à cunhagem, por parte da crítica, do gênero *cli-fi* (abreviação de *climate fiction* ou ficção climática).

Permanece, contudo, um imenso desafio na representação da crise climática em obras ficcionais. Seria realmente a ficção científica realmente mais bem-sucedida em narrar o antropoceno do que a chamada ficção literária tradicional? Ou teriam na verdade a velocidade e o impacto das mudanças do Antropoceno finalmente alcançado os eventos narrados em obras de ficção científica? O escritor Amitav Ghosh apresenta uma perspectiva distinta – comentando a opinião da autora canadense Margaret Atwood de que a ficção científica apresenta outros mundos/tempos/dimensões para além do nosso cotidiano, ele diz:

Isso explica com grande clareza algumas das maneiras pelas quais a era do aquecimento global resiste à ficção científica: é exatamente um mundo que não um ‘outro’ imaginado por nós; nem é localizado em outro “tempo” ou outra “dimensão”. Os eventos da era do aquecimento global não são de forma alguma similares a contos fantásticos; ainda assim, também é verdade que em relação ao que entendemos como normal atualmente, eles são, de muitas formas, estranhos; e eles sem dúvida abriram portais para o que podemos chamar de um “mundo espiritual” –

um universo habitado por vozes não-humanas. (GHOSH, 2016, p. 50-51. Trad. Livre)<sup>2</sup>

De acordo com Ghosh, portanto, a relação entre narrativas de ficção científica e o contexto da crise climática é dúbia: o aquecimento global não é necessariamente uma construção do “outro” da ficção científica, e sim tem seus efeitos deletérios sentidos por seres humanos e não-humanos na contemporaneidade. Mesmo assim, uma espécie de estranhamento ainda permanece na relação com a crise climática, como se estivéssemos inseridos em uma história de ficção científica.

A literatura nos últimos anos vem lidando com esse aparente paradoxo presente na relação entre produção cultural e catástrofe ambiental de maneira criativa e inovadora. Como afirma Sonia Torres (2017, p. 95), “há um vasto repertório de obras que, incorporando uma forma hibridizada de ficção especulativa, convoca tanto as convenções e técnicas narrativas da ficção científica quanto as técnicas de gêneros literários mais tradicionais.” Dentre os exemplos mais recentes desse tipo de obra, destaca-se *The Overstory* (2018), do autor estadunidense Richard Powers. Nesse romance, aquele “universo habitado por vozes não-humanas” citado por Ghosh ganha centralidade, pois toda a narrativa é articulada por meio da agência, da produção de sentido e da identidade exercida por árvores.

O romance é dividido em quatro segmentos, nomeados a partir de sua relação com as árvores: Raízes, Tronco, Copa e Sementes. No primeiro segmento, são apresentados os nove personagens centrais da obra, estruturados como contos. Cada personagem tem sua história articulada a uma árvore ou grupo de árvores. No segundo e terceiro segmentos, vemos como as narrativas desses personagens se encontram, em geral tendo como base um desejo de preservação ambiental. No último segmento, é apresentado não apenas o fim de cada narrativa, mas, por meio delas, propostas de convivência mais harmoniosa entre humanos e árvores.

No presente artigo, investigaremos como *The Overstory* propõe o reconhecimento da identidade dos entes não-humanos em questão: árvores. Tal estudo

---

<sup>2</sup> *This lays out with marvelous clarity some of the ways in which the era of global warming resists science fiction: it is precisely not an imagined ‘other’ world apart from ours; nor is it located in another ‘time’ or another ‘dimension’. By no means are the events of the era of global warming akin to the stuff of wonder tales; yet it is also true that in relation to what we think of as normal now, they are in many ways uncanny; and they have indeed opened a doorway into what we might call a ‘spirit world’ – a universe animated by non-human voices.*

terá dois focos principais: primeiramente, o embaçamento da divisão entre os conceitos de natureza e cultura, e como isso favorece o entendimento da agência de entes não-humanos; e, em segundo lugar, a maneira como a articulação entre o antropoceno e uma cultura desenvolvimentista fundada no progresso econômico sem limites coloca em risco a vivência entre entes humanos e não-humanos, além de impedir o reconhecimento da identidade deste segundo grupo (representando por árvores, no romance).

### **Natureza, cultura e subjetividade verde**

A divisão entre os campos normalmente designados como “natureza” e “cultura” remonta no Ocidente, pelo menos, ao Iluminismo. O primeiro designa forças e sistemas não-humanos que de alguma forma existiriam previamente à humanidade, além de alheias a ela. Já o segundo campo estaria relacionado à produção de sentido por meio da humanidade e seus efeitos, estipulando práticas e formas de organização social que determinariam a vida de seres humanos. Considerando essa conjuntura contextual, o humano estaria localizado fora da natureza, que estaria, portanto, reduzida a um objeto passivo da cultura (DE GRAAUW & FIORE, 2018, p. 185).

A separação entre o ser humano e a natureza está intrinsecamente relacionada a uma ideia de superioridade. Seriam civilizadas aquelas culturas que conseguissem constituir formas de viver no mundo para além de uma comunhão com a natureza, pois assim seriam capazes não só de se sentir realmente “livres”, mas também de se considerarem artífices de sua própria história. Como afirma Ghosh:

Apenas aqueles povos que tinham se libertado dos grilhões do meio-ambiente eram vistos como dotados de agência histórica; (...) outros povos poderiam ter tido um passado mas eram vistos como ausentes de história, que se concretiza por meio da agência humana (GHOSH, 2016, p. 82. Trad. Livre).<sup>3</sup>

Dessa forma, por exemplo, sociedades europeias, especialmente a partir do século XVIII, mediam o grau de seu mérito civilizatório a partir do nível de distanciamento do chamado mundo natural. Tal critério acabou por servir como uma das justificativas para o ímpeto colonizador europeu, que via nas populações originárias das Américas, especialmente, como primitivas e a-históricas, devido especialmente a sua profunda comunhão com a natureza. Além disso, as áreas do conhecimento passaram a se tornar

---

<sup>3</sup> *Only those peoples who had thrown off the shackles of their environment were thought to be endowed with historical agency; (...) other peoples might have had a past but they were thought to lack history, which realizes itself through human agency.*

cada vez mais estanques em seus estudos específicos, em especial as ciências naturais, ligadas ao escopo da natureza (geologia, agronomia etc.) e as ciências humanas e sociais, associadas à ordem da cultura (sociologia, filosofia etc.)

Com o antropoceno, essa divisão entre natureza e cultura se torna inviável. Pela primeira vez, uma nova época geológica é marcada profundamente pelos efeitos das atividades humanas na Terra. Assim, a natureza deixa de ser vista apenas como pano de fundo para a realização das ações humanas, passando a existir em um *continuum* com o campo da cultura. Da mesma forma, as ciências naturais e as ciências humanas/sociais se veem em um entroncamento onde uma perspectiva transdisciplinar é muito melhor equipada conceitualmente para dar conta do mundo. De acordo com os historiadores Christophe Bonneuil e Jean-Baptiste Fressoz,

O antropoceno, como reunião do tempo humano (histórico) e tempo da Terra (geológico), entre agência humana e não-humana, evidencia o engano dessa (...) grande divisão entre natureza e sociedade (...) A nova era geohistórica sinaliza a irrupção da Terra (sua temporalidade, seus limites, sua dinâmica sistêmica) naquilo que antes era visto como uma história, uma economia e uma sociedade emancipando-se de limitações naturais (BONNEUIL & FRESSOZ, 2016, p. 41. Trad. Livre).<sup>4</sup>

Diante desse cenário em que a humanidade se confronta não apenas com os riscos da crise climática, mas também com uma extrema aproximação (em termos conceituais, mas também práticos) com o que antes era visto exclusivamente como pertencente ao domínio da natureza, quais mudanças ocorrem no entendimento de categorias como identidade, sujeito, objeto e agência?

O romance *The Overstory* pode ser lido como uma tentativa de abordar esse questionamento, buscando apresentar alternativas identitárias que emergem diante da conjugação entre natureza e cultura. Para realizar essa empreitada, a narrativa baseia-se, então, em duas perspectivas fundamentais: primeiramente, desafiar a ideia de que apenas seres humanos são detentores de subjetividade; e, em segundo lugar, demonstrar que seres não-humanos possuem agência e características individuais.

A primeira parte do romance intitula-se Raiz e é dividida em oito segmentos. Cada segmento é construído como se fosse um conto, em que a narrativa se dedica a um

---

<sup>4</sup> *The Anthropocene, as the reunion of human (historical) time and Earth (geological) time, between human agency and non-human agency, give the lie to this (...) great divide between nature and society (...) The new geohistorical epoch signals the irruption of the Earth (its temporality, its limits, its systemic dynamics) into what sought to be a history, an economy and a society emancipating themselves from natural constraints.*

ou mais personagem(s) principal(is) e sua(s) relação(ões) com uma árvore ou grupo de árvores. Tais relações são articuladas das formas mais variadas: podem ser a partir de uma tradição familiar (Nicholas Hoel e o cuidado com a castanheira plantada por seus antepassados), uma pesquisa de cunho acadêmico (Patricia Westerford e seus estudos sobre a comunicação entre árvores), atividades de “defesa da natureza” que beiram o eco-terrorismo (Olivia Vandergriff e outros personagens) etc. O importante a ser destacado é que cada figura humana do romance, em sua história inicial que depois vai se entrelaçar com a de outros personagens, é pareada com um ente não-humano – uma árvore ou grupo de árvores.

Tal vínculo narrativo entre o humano e o não-humano é o primeiro indicativo do interesse do romance em investigar a suposta distinção entre natureza e cultura. O próprio autor Richard Powers revelou, em entrevista, acreditar que a separação entre essas dimensões é errônea, enfatizando as conexões e paralelos entre o mundo dito natural e o mundo social:

Um dos nossos grandes erros de pensamento – mais um aspecto daquela infeliz ideia de excepcionalismo humano que torna tão difícil para nós estarmos confortáveis nesse mundo – é achar que o natural e o feito pelo homem são entidades distintas. (...) Nenhuma história da natureza, nenhum relato da luta ambiental seria completa sem trazer à tona todas as tecnologias humanas que são para nós o que a invenção das flores e castanhas e clorofila e redes de micorrizas são para o superorganismo florestal (*LOS ANGELES REVIEW OF BOOKS*, 2018. Trad. Livre).<sup>5</sup>

A tentativa de aproximação entre essas duas dimensões certamente não é nova. O campo de estudos conhecido como eco-crítica – uma disciplina de caráter interdisciplinar que investiga questões da literatura, da cultura e do meio-ambiente – se dedica, de alguma forma, a esse assunto. Especialmente no final da década de 1990, a eco-crítica adotou uma perspectiva histórica, buscando sobretudo em autores do romantismo inglês (como William Wordsworth e Percy Shelley) e estadunidense (como Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau) uma espécie de promessa espiritual de acesso a uma relação mais profunda com a natureza (cf. TREXLER & JOHNS-PUTRA, 2011, p.192). Inicialmente, *The Overstory* parece se incluir nessa tradição eco-crítica ao citar Emerson já em sua epígrafe e fazer referência a Thoreau nas páginas iniciais: “Se

---

<sup>5</sup> *One of our great errors in thinking — another aspect of that unfortunate idea of human exceptionalism that makes it so hard for us to be at home in this world — is that the natural and the man-made are distinct entities. (...) No nature story, no account of environmental struggle would be complete without bringing on-stage all the human technologies that are to us what the invention of flowers and nuts and chlorophyll and mycorrhizal networks are to the forest superorganism.*

“você pretende aprender os segredos da Natureza, você deve praticar mais humanidade...” (POWERS, 2018, p. 5. Trad. Livre)<sup>6</sup>.

Contudo, à medida que a narrativa avança, *The Overstory* apresenta uma proposta mais radical no entendimento do *continuum* entre natureza e cultura. Como afirma o filósofo Bruno Latour, não se trata de ir além da divisão entre os dois campos e nem de reconciliá-los, mas na verdade compreender que estamos lidando com um mesmo conceito que consiste de duas partes (LATOUR, 2017, p. 20). Dessa forma, o romance propõe uma visão de identidade para além de conceitos como memória, experiência pessoal e, especialmente, a singularidade da subjetividade humana.

Um dos argumentos centrais do romance é de que árvores são seres vivos cuja vivência ainda é em grande parte incompreendida. Esses entes, que podem chegar a viver milhares de anos, são constituídos por uma complexa cadeia biológica que, juntamente com outros agentes não-humanos como fungos, insetos e pássaros, constroem uma vasta rede de subjetividade como nenhuma outra.

Essa consideração ganha força especialmente ao redor da trama envolvendo a personagem Patricia Westerford, uma professora universitária cuja árduo trabalho de pesquisa a leva a concluir que, em linhas gerais, árvores são capazes de pensar e se comunicar, sendo assim aptas a construir uma coletividade subjetiva. Ela então publica um artigo cuja conclusão é: “O comportamento bioquímico de árvores individuais pode fazer sentido apenas quando nós as vemos como membros de uma comunidade” (POWERS, 2018, p. 126. Trad. Livre)<sup>7</sup>. Porém, seu artigo é duramente criticado no meio acadêmico e sua reputação é posta em risco, o que leva a personagem a abandonar sua carreira e passar anos no ostracismo, conduzindo seus estudos de maneira particular. A aclamação virá apenas anos depois, quando sua pesquisa será vista como revolucionária, especialmente ao tratar da interrelação de árvores com outros organismos:

Não há indivíduos em uma floresta, não há eventos isolados. O pássaro e o galho onde ele pousa são uma coisa só. Um terço ou mais do alimento que uma árvore produz pode ser destinada a alimentar outros organismos. Até mesmo tipos diferentes de árvores formam parcerias (...) As florestas se corrigem e se moldam por sinapses subterrâneas. E ao se moldarem, elas moldam, também, as dezenas de

---

<sup>6</sup> *If you would learn the secrets of Nature, you must practice more humanity...*

<sup>7</sup> *The biochemical behavior of individual trees may make sense only when we see them as members of a community.*

milhares de outras criaturas interligadas que as formam por dentro (POWERS, 2018, p. 218. Trad. Livre).<sup>8</sup>

A pesquisa de Westerford remete, em grande parte, aos resultados reais de pesquisas conduzidas pelo engenheiro florestal alemão Peter Wohlleben e publicados no best-seller *A vida secreta das árvores*, de 2015. Nessa obra, o autor apresenta evidências de que árvores se comunicam de diferentes maneiras, favorecem a diversidade, protegem umas às outras e são até mesmo capazes de sentimentos de “maternidade”. Em linhas gerais, árvores são seres sociais que, quando em grande quantidade em uma floresta, compõem um superorganismo (WOHLLEBEN, 2016, p. 15). Há, portanto, um forte elemento subjetivo, ou de “cultura”, que constitui o meio da “natureza”, normalmente visto como composto de entes não-humanos que servem como pano de fundo para a sociedade humana.

O romance também aponta, por meio da personagem, uma das mais cruciais marcas do antropoceno: o entrelaçamento da história humana e da história “natural”. Historiadores até meados do século XX acreditavam que as únicas ações dignas de serem consideradas formadoras da história seriam aquelas relacionadas ao humano. Os eventos da natureza são meras ocorrências, desafortunadas e quase automáticas (CHAKRABARTY, 2013, p. 6). Porém, a crise climática que configura o antropoceno expande os limites da história ao explicitar o quanto a existência humana é posta em xeque diante das instabilidades cataclísmicas do sistema Terra. Sendo assim, como diz Chakrabarty,

[e]xplicações antropogênicas acarretam o fim da velha distinção humanista entre história natural e história humana e acabam por retornar à pergunta (...): como a crise da mudança climática fala a nosso senso de universais humanos, ao mesmo tempo pondo em questão nossa capacidade de compreensão histórica? (CHAKRABARTY, 2013, p. 5)

Em seus estudos, Patricia Westerford talvez articule uma resposta possível à questão proposta por Chakrabarty. Ao analisar as maneiras pelas quais as árvores se comunicam, desenvolvem um sistema imunológico próprio e cuidam umas das outras, ela descobre como a atuação desses seres têm impacto direto não apenas em eventos

---

<sup>8</sup> *There are no individuals in a forest, no separable events. The bird and the branch it sits on are a joint thing. A third or more of the food a big tree makes may go to feed other organisms. Even different kinds of trees form partnerships (...) Forests mend and shape themselves through subterranean synapses. And in shaping themselves, they shape, too, the tens of thousands of other, linked creatures that form it from within.*

ditos “naturais”, mas também influenciam, de maneira direta ou indireta, a história humana. A seguinte passagem de *The Overstory* ilustra isso de forma clara:

Ela conta como um olmo ajudou a iniciar a Revolução Estadunidense. Como uma imensa algaroba de quinhentos anos cresce no meio dos desertos mais áridos do planeta. Como a visão de uma castanheira pela janela deu esperança a Anne Frank, mesmo escondendo-se desalentada. Como sementes levadas para a lua brotaram por toda a Terra quando trazidas de volta. Como o mundo é habitado por criaturas magníficas que ninguém conhece (POWERS, 2018, p. 219. Trad. Livre).<sup>9</sup>

Portanto, de acordo com Westerford, o *continuum* natureza-cultura não se limita apenas a aspectos biogeológicos que ameaçam o humano como espécie. O entendimento conjunto desses campos também proporciona aos indivíduos, de maneira particular, uma mudança na sua subjetividade e maneira de ver o mundo.

Não é apenas a partir de uma perspectiva acadêmica envolvendo os complexos aspectos bioquímicos das árvores que *The Overstory* articula o *continuum* natureza-cultura. Um outro aspecto extremamente relevante tratado no romance concerne à própria delimitação do que chamamos de “pessoa”. Para além dos aspectos filosóficos e metafísicos que essa questão circunscreve, a narrativa concentra-se em aspectos práticos sobre que seres seriam dignos de direitos, no sentido legal do termo. Até que ponto entes não-humanos, como árvores, poderiam receber a mesma proteção legal que homens e mulheres?

Essa é uma das questões centrais da narrativa envolvendo o personagem Ray Brinkman, um jovem advogado especialista em propriedade intelectual. Quando ele começa a pesquisar sobre casos envolvendo destruição de florestas, o personagem começa a questionar-se sobre o determinado senso de posse que os humanos dispõem sobre todas as coisas não-humanas. Isso o leva a uma profunda incerteza sobre o seu papel como advogado nesse cenário, já que, até então, via o conceito de “propriedade intelectual” como exclusivo a humanos. Ray, contudo, analisa o quanto essa noção é historicamente construída:

Crianças, mulheres, escravos, aborígenes, os doentes, os loucos, os deficientes: todos tornados, sem dúvida, através dos séculos, em pessoas por meio da lei. Então por que árvores e águias e rios e montanhas não deveriam processar humanos por roubo e infinitos danos? (...) Toda a sua carreira até esse momento – proteger a propriedade

---

<sup>9</sup> *She tells how an elm helped start the American Revolution. How a five-hundred-year-old mesquite grows in the middle of one of the planet's most arid deserts. How the glimpse of a horse chestnut through a window gave Anne Frank hope, in hopeless hiding. How seeds brought to the moon and back sprouted all over the Earth. How the world is inhabited by magnificent creatures no one knows.*

daqueles com direito ao crescimento – começa a parecer como um longo crime de guerra (POWERS, 2018, p. 250. Trad. Livre).<sup>10</sup>

O dilema em que Ray Brinkman se encontra, portanto, exemplifica o quanto a divisão entre natureza e cultura baseia-se em uma convenção para favorecer os humanos. Como o campo da natureza – envolvendo as “árvores e águias e rios e montanhas” – estaria à margem de uma organização sistemática baseada em direitos e deveres, ele serve apenas como segundo plano onde se desenrola o drama humano. Ray observa a falácia dessa conveniente disjunção, sobretudo, ao comparar instituições humanas e entes não-humanos:

Dizer que riachos e florestas não podem ter representatividade porque riachos e florestas não podem falar não é resposta. Empresas não podem falar, tampouco; nem estados, propriedades, bebês, incapazes, municípios ou universidades. Advogados falam por eles (POWERS, 2018, p. 250. Trad. Livre).<sup>11</sup>

Além de Westerford e Brinkman, talvez os personagens que mais marcadamente explicitam como *The Overstory* articula natureza-cultura de um ponto de vista composto sejam Nicholas Hoel e Olivia Vandergriff. O primeiro é um artista independente de poucas ambições que mora na fazenda que pertence a sua família há gerações. A segunda é uma cínica estudante universitária que, após uma experiência de quase-morte, recebe uma iluminação e passa a acreditar que salvar árvores é seu objetivo de vida. Quando eles se conhecem, constroem uma imediata conexão e se juntam a um movimento organizado contra o desmatamento.

Ao se tornarem ativistas, a mudança na identidade dos dois personagens se inicia diante da necessidade de alterarem seus nomes dentro do movimento. Olivia dá a Nicholas o nome de Watchman (guardião), ilustrando o quanto se sente protegida com a companhia dele. Já Nicholas dá a Olivia a alcunha de Maidenhair (avenca), um tipo suave de vegetação tido como um fóssil vivo, já que é um tipo de planta considerado anterior às árvores. A mudança também se faz presente no comportamento dos personagens, pois ambos se tornam extremamente engajados nas atividades do

---

<sup>10</sup> *Children, women, slaves, aboriginals, the ill, insane, disabled: all changed, unthinkably, over the centuries, into persons by the law. So why shouldn't trees and eagles and rivers and living mountains be able to sue humans for theft and endless damages? (...) His entire career until this moment – protecting the property of those with a right to grow – begins to seem like one long war crime.*

<sup>11</sup> *It is no answer to say that streams and forests cannot have standing because streams and forests cannot speak. Corporations cannot speak, either; nor can states, estates, infants, incompetents, municipalities, or universities. Lawyers speak for them.*

movimento, protestando contra a derrubada de árvores e arquitetando planos para impedir o trabalho de madeireiras.

Um dos momentos mais marcantes de *The Overstory* é quando Maidenhair e Watchman se oferecem para passar um período no topo de uma imensa árvore para que esta não seja derrubada. Acampados em galhos a vários metros de altura, eles confrontam os madeireiros e tornam-se populares. É nesse período que conhecem outro personagem central do romance: Adam Appich, um estudante de psicologia que está pesquisando sobre o comportamento de ativistas ambientais que acreditam que plantas também são pessoas (POWERS, 2018, p. 319). Maidenhair confronta Appich com relação ao aspecto antropocêntrico de sua pesquisa: “Você está estudando o que faz algumas pessoas levarem o mundo natural a sério quando a única coisa real para todo mundo são outras pessoas. Você deveria estar estudando todo mundo que pensa que apenas pessoas importam” (POWERS, 2018, p. 319. Trad. Livre).<sup>12</sup> A observação feita por Maidenhair, que reverte a perspectiva de análise proposta por Appich, ilustra o abalo que o antropoceno produz em uma ideia de excepcionalidade humana fundada na tradição iluminista. Quando se entende natureza-cultura como uma entidade coesa, se torna impossível reconhecer apenas o humano como detentor de subjetividade, pois entes não-humanos passam a ser entendidos como “pessoas” no sentido de possuírem também agência e identidade. Como afirmam Bonneuil e Fressoz:

O problema histórico, portanto, não é a emergência de uma ‘consciência ambiental’, mas o contrário: entender a natureza esquizofrênica da modernidade, que continuou a ver os humanos como produtos de seu ambiente ao mesmo tempo em que os deixou deteriorá-lo e destruí-lo (BONNEUIL & FRESSOZ, 2016, p. 183. Trad. Livre).<sup>13</sup>

Maidenhair vai reforçar essa ideia de “pessoalidade” de entes não-humanos em outra passagem, quando Adam Appich também adere ao grupo de ativistas. Quando ele comenta sobre a ideia de o movimento estar priorizando as necessidades (interesses?) das árvores acima do interesse de seres humanos, Maidenhair responde:

Nós não colocamos árvores acima de pessoas. Pessoas e árvores estão nisso juntas (...). Se as pessoas soubessem o que acontece para que árvores existam, elas ficariam muito, muito gratas pelo sacrifício. E pessoas agradecidas não precisam de muito

<sup>12</sup> *You're studying what makes some people take the living world seriously when the only real thing for everyone else is other people. You should be studying everyone who thinks that only people matter.*

<sup>13</sup> *The historical problem, therefore, is not the emergence of an 'environmental awareness' but rather the reverse: to understand the schizophrenic nature of modernity, which continued to view humans as the products of their environment at the same time it let them damage and destroy it.*

(...) Nós temos de parar de ser visitantes aqui. Nós temos de viver onde nós vivemos, temos de ser indígenas novamente (POWERS, 2018, p. 339. Trad. Livre).<sup>14</sup>

O senso de coletividade apontado por Maidenhair entre pessoas e árvores indica a importância de se entender o *continuum* natureza-cultura no antropoceno. Não se trata mais de um antropocentrismo que solapa toda a existência de seres não-humanos, mas também não é sobre colocar árvores como seres superiores. Trata-se de configurar uma nova era geo-histórica em que uma comunidade de agências (humanas e não-humanas) possa construir um mundo mais harmônico, no que concerne o sistema Terra.

Chama a atenção a referência feita pelo romance a indígenas, nesse contexto. Os povos originários, em geral, não fazem divisão entre “natureza” e “cultura” e, assim sendo, já há muito tempo compreendem o valor da coletividade de agências que a modernidade tratou de ignorar (LATOURE, 1993). O líder indígena e ambientalista Ailton Krenak deixa isso bastante claro quando diz:

Nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas (...) pegando o que a gente quiser. Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como ‘natureza’ (...) Tem algumas coisas dessas camadas que é quase-humana (KRENAK, 2019, p. 37).

Sendo assim, a proposta da personagem Maidenhair de que os humanos precisam se tornar “indígenas novamente” pressupõe a ideia que os humanos precisam abandonar uma suposta superioridade subjetiva e abraçar, juntamente com outros entes, um sentido compartilhado de agência (LATOURE, 2016, p. 62).

## 2. Crescimento econômico e colapso ambiental

O colapso ambiental está inextricavelmente associado a uma ideia de crescimento econômico. Evidência disso é um dos pontos de maior discussão ligados ao antropoceno: o momento de origem dessa nova época. Há especialistas que defendem que o antropoceno iniciou-se com o desenvolvimento da agricultura há cerca de sete mil anos, enquanto outros, em uma perspectiva mais atual, sustentam o ano de 1945 como marco inicial – período em que se principia a chamada “Grande Aceleração” (cf. HAMILTON et al, 2015, p. 1). Contudo, a maioria dos autores em diversas áreas – da

---

<sup>14</sup> *We don't put trees above people. People and trees are in this together (...) If people knew what went into making trees, they would be so, so thankful for the sacrifice. And thankful people don't need as much (...) We need to stop being visitors here. We need to live where we live, to become indigenous again.*

geologia à história, passando pela antropologia – associa o início do antropoceno às últimas décadas do século XVIII, com o advento da Revolução Industrial (CRUTZEN, 2002, p. 23). Para esses especialistas, em linhas gerais, o uso massivo de combustíveis fósseis para a manutenção de um crescente sistema de produção inaugura uma interferência antrópica, isto é, causada por seres humanos, em escala jamais vista.

Nesse sentido, o antropoceno – literalmente, a “época do humano” – caracteriza-se por uma mudança fundamental na maneira com que indivíduos modificam e são modificados pelo meio: seu impacto no sistema Terra é tão brutal que, em vez de meros agentes biológicos, eles se tornam agentes geológicos (CHAKRABARTY, 2013, p. 9). Isso evidencia mais uma vez a intrínseca relação entre o universo da “natureza” (o que ainda hoje é conhecido como meio ambiente, no senso comum) e o da “cultura” (a esfera da humanidade). Quando seres humanos adquirem tamanha potência ao ponto de serem comparados a forças geológicas (como vulcões e placas tectônicas), vemos que o antropoceno inaugura uma nova fase na relação bio-histórico-geológica entre entes humanos e não-humanos. Como afirma Chakrabarty:

Nossos rastros no planeta nem sempre foram tão grandes. Os seres humanos começaram a adquirir esse tipo de agência apenas desde a Revolução Industrial, mas o processo realmente tomou impulso na segunda metade do século XX. Os seres humanos se tornaram agentes geológicos muito recentemente na história humana. (...) Pois não está mais em questão simplesmente se o homem tem uma relação interativa com a natureza. Isto os seres humanos sempre tiveram ou ao menos é assim que o homem foi imaginado na maior parte daquilo que em geral chama-se de tradição ocidental. Agora alega-se que os seres humanos são uma força da natureza num sentido geológico. (CHAKRABARTY, 2013, p. 10)

Tal impacto da humanidade no planeta é indubitavelmente mediado pelo sistema econômico capitalista. Fundado na ideia de que tudo pode se tornar “recurso”, o capitalismo contempla entes não-humanos e agentes da natureza pela lógica do lucro, em que a exploração e a destruição são justificadas em nome do crescimento sem limites que legitima uma noção de progresso. Diante desse contexto, tornam-se nítidos os riscos da persistência desse modelo econômico, cujos efeitos para a vida na Terra se tornam cada vez mais graves e ilustram a indissociabilidade da catástrofe ambiental em curso e uma concepção de um suposto desenvolvimento ilimitado. O historiador Luiz Marques resume essa dinâmica da seguinte forma:

A curva da relação custo ambiental/benefício econômico do capitalismo entrou irreversivelmente em fase negativa porque a conta ambiental do crescimento econômico vai-se tornando impagável (...) Nesse novo mundo criado por nossa civilização termofóssil, mais precisamente pela voracidade dos mecanismos

autorreplicantes de acumulação e concentração de capital, primarão temperaturas sempre mais letais, secas mais prolongadas (...), poluição generalizada, intoxicação e perturbação hormonal dos organismos, pandemias, ciclones tropicais com maior poder de causar inundações diluvianas e cidades invadidas por mares plastificados, acidificados e desertados de vida (MARQUES, 2018, loc178).

Considerando essa perspectiva em que a humanidade adquire potência de aniquilação e modificação de estruturas terrestres baseada no crescimento econômico, como se dará a relação entre entes humanos e não-humanos? O romance *The Overstory* apresenta uma possibilidade de leitura desse cenário: quanto mais obcecados por uma ideia de desenvolvimento infundável, mais os indivíduos serão incapazes de compreender as agências que compõem as identidades dos seres não-humanos e, com isso, estarão caminhando inevitavelmente para sua ruína. O próprio autor Richard Powers comentou que os personagens de seu livro violam um dos tabus centrais do capitalismo individualista: imbuir às árvores o mesmo valor que é imbuído à vida humana (cf. *LOS ANGELES REVIEW OF BOOKS*, 2018). Dessa forma, árvores, florestas e vegetação em geral deixam de ser vistas apenas como “recursos” a fim de serem explorados (como requer a ótica do capital) para serem consideradas seres vivos que merecem cuidado, proteção e respeito.

A personagem Patricia Westerford depara-se com essas lógicas contrastantes quando funda uma organização responsável por um imenso banco de sementes, destinado a preservar espécies de árvores para o futuro. Ao ser questionada porque ela não está priorizando plantas que seriam úteis para as pessoas, no caso de uma catástrofe, seu primeiro pensamento é que a noção de “útil” é a verdadeira catástrofe (POWERS, 2018, p. 389). As sociedades capitalistas modernas, em sua ambição desenvolvimentista, estendem a entes não-humanos uma concepção utilitarista em que apenas aquilo que deve servir à humanidade merece ser salvo. Mesmo assim, essa salvação não parte de um lugar de reconhecimento de identidade, mas de exploração. Como declara o personagem Ray Brinkman: “O que é isso dentro de nós que cria essa necessidade não apenas de satisfazer desejos biológicos básicos, mas também estender nossas vontades a outras coisas, objetificá-las, torná-las nossas, manipulá-las, mantê-las a uma distância psíquica?” (POWERS, 2018, p. 251. Trad. Livre)<sup>15</sup>

Sendo incapaz de ver ou valorizar a agência de entes não-humanos (um efeito da

---

<sup>15</sup> *What is it within us that gives us this need not just to satisfy basic biological wants, but to extend our wills over things, to objectify them, to make them ours, to manipulate them, to keep them at a psychic distance?*

“distância psíquica” mencionada por Brinkman), a humanidade então pode sem culpa tornar as árvores objetos voltados para a desmedida utilização/destruição. Ailton Krenak diz que “quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial.” (KRENAK, 2019, p. 26) Porém, mais do que isso, as árvores (e entidades não-humanas em geral) são valorizadas apenas a partir da quantidade de capital que podem movimentar, gerando o lucro que alimenta a necessidade de desenvolvimento econômico infinito. Bonneuil e Fressoz analisam esse cenário da seguinte maneira:

Com a natureza assimilada a um ‘capital natural’, ela se torna fungível com o capital financeiro. Todos os ‘serviços’ prestados pelo sistema Terra (captura de carbono, polinização, purificação da água, serviços estéticos ou religiosos, etc.) podem ser valorizados em dólares e tornados objetos dos mercados de serviços ambientais (...) A antiga distinção entre riqueza (natural) e valor (social) dá lugar a um fetichismo da natureza como ‘o maior negócio do mundo’ (...) Nessa perspectiva, não há mais um limite para o crescimento: a preservação do meio-ambiente, a crise ambiental e a escassez de recursos são na verdade apresentadas como oportunidades econômicas (BONNEUIL & FRESSOZ, 2016, p. 204. Trad. Livre).<sup>16</sup>

Em uma sociedade em que não há limites para o crescimento e em que tudo (até mesmo a crise ambiental) pode tornar-se um fenômeno rentável, a humanidade encontra-se em um beco sem saída, precisando entender o paradoxo em que se encontra: quanto mais rapidamente cresce, explorando gananciosamente o “ambiente”, mais rapidamente se encaminha para seu fim. Como diz a personagem Patricia Westerford: “A única coisa que sabemos fazer é crescer. Crescer mais intensamente; crescer mais rapidamente. Mais que no ano passado. Crescimento, até chegarmos no desfiladeiro e além” (POWERS, 2018, p. 304. Trad. Livre).<sup>17</sup>

Por outro lado, o ‘fetichismo da natureza’ mencionado por Bonneuil e Fressoz só é possível diante de uma ideia de apoderamento de tudo que não seja humano. Não se trata aqui de mero animismo (conceito bastante vilanizado no Ocidente) ao percebermos o quanto seres vivos diversos de nós também possuem subjetividades. Trata-se de

---

<sup>16</sup> *With nature assimilated to a ‘natural capital’, it becomes fungible with finance capital. All the ‘services’ rendered by the Earth system (carbon capture, pollination, water purification, aesthetic or religious services, etc.) can be valued in dollar and made the object of environmental service markets (...) The old distinction between (natural) wealth and (social) value gives way to a fetishism of nature as ‘the biggest business in the world’ (...) In this perspective, there is no longer a limit to growth: the preservation of the environment, the environmental crisis and the scarcity of resources are actually presented as economic opportunities.*

<sup>17</sup> *The only thing we know how to do is to grow. Grow harder; grow faster. More than last year. Growth, all the way down to the cliff and over.*

perceber que subjugar outros entes ao domínio do capital coloca em risco a existência de grande parte da vida na Terra. A personagem Maidenhair resume a questão: “Crescimento exponencial dentro de um sistema finito leva ao colapso. Mas as pessoas não veem. Então *a autoridade das pessoas é falida*” (POWERS, 2018, p. 321, grifo do autor. Trad. Livre)<sup>18</sup>.

É importante ressaltar que quando falamos aqui de ideias como progresso e desenvolvimento, isso não diz respeito à toda a humanidade. O antropoceno está fundado em uma profunda desigualdade econômica, que se intensifica a cada ano, resultado de processos históricos – colonialismo, imperialismo, escravidão – que estão intimamente ligados a encadeamentos de mudanças geológicas a partir da exploração da terra (mineração, agricultura etc.) A geógrafa Kathryn Yusoff opõe-se à ideia de universalidade humanista e de um “nós” humano coletivo responsável pelo colapso ambiental. Ela afirma:

A invasão do “Novo Mundo” produziu os primeiros sujeitos geológicos do antropoceno, e eles eram negros e indígenas (...) Definindo uma identidade para uma época por meio da geologização do social (e seus modos de relação subjetiva), as histórias de origem do antropoceno constroem um “nós” monolítico e pós-racial (YUSSOF, 2018, p. 64. Trad. Livre).<sup>19</sup>

Diante dessa dissemelhança de responsabilidades sobre os efeitos do antropoceno, alguns autores propõem uma nova nomenclatura para a época contemporânea, como por exemplo “capitaloceno” (MOORE, 2015) – a partir da vivência econômica da classe média branca do Norte Global – e “angloceno” (FREZZOZ, 2015) – considerando que Grã-Bretanha e EUA são responsáveis por mais da metade da emissão de carbono desde a Revolução Industrial. Ainda assim, há historiadores, como Dipesh Chakrabarty, que mesmo reconhecendo o impacto do capitalismo no planeta, acreditam que os parâmetros da existência humana na Terra são muito mais antigos que capitalismo ou socialismo, e que o fato de a humanidade ser uma força geológica indica uma catástrofe compartilhada entre ricos e pobres (CHAKRABARTY, 2015, p.53). Por outro lado, pensadores como o filósofo Slavoj Žižek, vão discordar desse ponto de vista ao dizer que é impossível dissociar o problema universal (a sobrevivência da espécie humana) de

<sup>18</sup> *Exponential growth inside a finite system leads to collapse. But people don't see it. So the authority of people is bankrupt.*

<sup>19</sup> *The invasion of the “New World” produced the first geologic subjects of the Anthropocene, and they were indigenous and black (...) Defining an identity for an epoch through the geologizing of the social (and its modes of subjective relation), the origin stories of the Anthropocene construct a monolithic, post-racial “we”.*

um aspecto específico (o modo de produção capitalista) (ŽIŽEK, 2010, p. 333).

Uma das maneiras mais interessantes que *The Overstory* vai lidar com a desigualdade inerente ao capitalismo como explicação para o antropoceno é o contraste da realidade entre os EUA (onde se passa a maior parte da narrativa) e outras regiões do globo vistas como “em desenvolvimento”. Se a culpa pela crise climática atual é em grande parte do modelo de exploração adotado por EUA e Europa, outros países que tiveram alto crescimento econômico nos últimos anos (como China, Índia e Brasil) emulam o Norte Global em uma estratégia de desenvolvimento extrativista. Essa questão é abordada em uma tensa passagem do romance em que dois personagens – Mimi Ma e Douglas Pavlicek – discutem com madeireiros que tentam derrubar árvores centenárias na Califórnia:

“Quando as pessoas vão crescer e cair na real? Por que vocês não vão cuidar das suas vidas, e nos deixam seguir com as nossas?”  
 “Isso é do interesse de todo mundo,” Douglas responde. Mimi dá um puxão nele.  
 “Vocês sabem onde os problemas *de verdade* estão? Brasil. China. Lá é onde o desmatamento pra valer está. Vocês deveriam protestar lá. Ver o que eles acham quando vocês disserem que eles não podem ser tão ricos como nós” (POWERS, 2018, p. 244, grifo do autor. Trad. Livre)<sup>20</sup>.

Chama atenção nesse diálogo o fato de o madeireiro fazer uma associação direta entre desmatamento e aumento de riqueza. Portanto, países considerados “em desenvolvimento” têm de prosseguir tomando árvores (e todos os entes não-humanos em geral) como “recursos naturais” se quiserem um dia alcançar o mesmo grau riqueza dos EUA.

Em outra importante passagem do romance, essa desigualdade em termos de grau de desenvolvimento será ainda mais central. A personagem Patricia Westerford viaja até a Amazônia brasileira pra conduzir parte de suas pesquisas sobre a subjetividade das árvores. Após a desconfiança inicial da população da região, ela consegue demonstrar seu profissionalismo e real interesse em proteger a floresta. Em uma conversa com seu guia local, Westerford é confrontada com a realidade da exploração econômica ilegal do lugar. O guia, Elizeu, diz:

“Americanos fazem o mercado. Vocês compram o contrabando. Vocês pagam qualquer coisa! E nossa polícia é uma piada. Eles pegam uma parte pra eles. Eles

<sup>20</sup> “When are you people going to grow up and get real? Why don’t you take care of your own business, and let us get on with ours?”

“This is everybody’s business,” Douglas answers. Mimi tugs at him.

“You know where the *real* problems are? Brazil. China. That’s where the crazy cutting is. You should go protest down there. See what they think when you tell them they can’t get as rich as we are.”

querem que essas árvores morram. É impressionante que não sejamos todos contrabandistas. Comparado com extrair borracha? Chega a ser engraçado. Então por que você não desiste e faz exploração ilegal? Elizeu sorri, relevando a pergunta. “Você pode extrair borracha de uma árvore por gerações. Mas você só pode cortar uma árvore uma vez” (POWERS, 2018, p. 391. Trad. Livre).<sup>21</sup>

Nessa situação, a personagem é confrontada com a intrincada rede extrativista que torna possível o desmatamento ilegal da Amazônia. Primeiramente, a centralidade de seu país naquela devastação, já que o mercado dos EUA é o maior interessado na derrubada das árvores. A fiscalização, insuficiente ou corrupta, também é uma causa significativa do desmatamento. É aí então que o guia Elizeu vai mostrar como seu ponto de vista não se insere na lógica do capital que vê a tudo como mero recurso: respeitando a árvore como ser vivo, é possível construir uma relação intersubjetiva em que a agência humana e não-humana são mutuamente respeitadas (extração de borracha), em vez de desempenhar uma prática exploratória que só beneficia a humanidade por meio da destruição (o desmatamento).

Em resumo, como afirmou a jovem ativista Greta Thunberg, o futuro é vendido cada vez que um restrito número de pessoas fica mais rico e que a humanidade diz que o céu é o limite (THUNBERG, 2019, p. 71). O colapso ambiental que caracteriza o antropoceno coloca em xeque uma estratégia de desenvolvimento individual-capitalista fundada em uma noção de progresso infinito. Enquanto a humanidade não atentar para a identidade dos entes não-humanos, a catástrofe permanecerá inevitável.

### Considerações Finais

A ficção literária tradicional durante muito tempo se concentrou em conflitos narrativos tendo o ser humano como elemento central. As proposições clássicas de “homem x natureza”, “homem x outro”, “homem x Estado”, “homem x homem” (entendendo aqui “homem” como metonímia de humanidade), dentre outras variações, vêm guiando a escrita ficcional por muitas gerações. Contudo, diante do contexto do antropoceno, a literatura se vê desafiada a apresentar não apenas novas formas de

---

<sup>21</sup>*Americans make the market. You buy the contraband. You'll pay anything! And our police are jokes. They get their cut. They want the trees to die. It's amazing we're not all smugglers. Compared to tapping rubber? Laughable.*  
*Then why don't you give up and poach?”*  
*Elizeu smiles, forgiving the question. “You can tap a rubber tree for generations. But you can only poach a tree once.*

representar identidades, mas também a salientar a diversidade que decorre do crescente entrecruzamento subjetivo entre entes humanos e não-humanos. É isso que a pensadora Serenella Iovino chama de uma “literatura de libertação”:

Uma literatura de libertação é portanto uma literatura que contribui para criar (...) uma forma de ver a relação entre ‘nós’ e ‘eles’ em termos de permeabilidade, de troca e co-presença (...) O que essa literatura nos ajuda entender é que não há um ‘nosso’ e ‘deles’: todas essas coisas, todos esses seres vivos e não-vivos compartilham conosco um terreno comum de existência (...) A crítica literária (...) exibe uma trajetória constante: de questões relacionadas à subjetividade humana (...), o foco deslocou-se para processos, coletivos e enredamentos (por exemplo, aquecimento global, extinção das espécies, fluxos transcorpóreos de toxinas). Em outras palavras, os estudos literários também se tornaram importantes atores na mudança das humanidades para *além* do humano. (IOVINO, 2018, p. 234, grifo da autora. Trad. Livre).<sup>22</sup>

Este artigo pretendeu demonstrar que o romance *The Overstory*, de Richard Powers, pode ser lido como representante dessa “literatura de libertação” mencionada por Iovino. Como vimos na primeira parte do trabalho, *The Overstory* problematiza a distinção entre “nós” e “eles” ao enfatizar um *continuum* entre os conceitos de natureza e cultura composto por entes humanos e não-humanos. Nessa perspectiva, árvores seriam detentoras não apenas de habilidades ou características normalmente associadas a seres humanos (comunicação, sentimentos etc.), mas também teriam direito à proteção legal assim como qualquer indivíduo. Dessa forma, o romance evidencia o “terreno comum de existência” indicado por Iovino por meio do reconhecimento da identidade das árvores. O próprio autor Richard Powers, em entrevista, resume a questão da seguinte maneira:

Nós nos habituamos completamente ao primeiro princípio do individualismo-mercadoria: o sentido é inteiramente algo que construímos por nós mesmos. Nós absorvemos essa crença tão completamente que é impossível para a maioria de nós até mesmo imaginar que pode haver outras possibilidades. Mas existe, é claro, um sentido das e para as árvores, um sentido para o imensamente conectado mundo vivo que se importa muito pouco com o sentido humano. (LOS ANGELES REVIEW OF BOOKS, 2018. Trad. Livre).<sup>23</sup>

<sup>22</sup> *A literature of liberation is therefore a literature that contributes to creating (...) a way of seeing the relationship between ‘us’ and ‘them’ in terms of permeability, of exchange and co-presence (...) What this literature helps us understand is that there is no ‘ours’ and ‘theirs’: all these things, all these living and non-living beings share with us a common terrain of existence (...) Literary criticism (...) displays a constant trajectory: from issues related to human subjectivity (...), the focus has shifted to processes, collectives and entanglements (for example, global warming, species extinction, trans-corporeal fluxes of toxins). In other words, literary studies too have been important players in moving the humanities’ move **beyond** the human.*

<sup>23</sup> *We have all completely habituated to the first tenet of commodity-individualism: meaning is entirely something we make for ourselves. We have absorbed that belief so completely it is impossible for most of us even to imagine that there might be other possibilities. But there is, of course, a meaning of and for trees, a meaning to the hugely interconnected living world that cares very little for human meaning.*

Na segunda parte este artigo, vimos como a ênfase na noção de progresso fundada em uma proposição capitalista e individual torna-se insustentável diante do colapso ambiental manifestado no antropoceno. Diante dessa conjuntura, a narrativa de *The Overstory* vai articular uma espécie de “subjetividade verde” em que, considerando o entendimento de que árvores também são produtoras de sentido, não há mais espaço para a ideia de “recursos naturais”, fundada em uma ética utilitarista de exploração infinita. Faz-se necessário um exame do modelo econômico desenvolvimentista que leve em consideração a rede de processos biogeológicos que compõem o planeta. Do contrário, a existência de várias espécies – incluindo a espécie humana – é colocada em risco.

Dessa forma, acreditamos que o presente trabalho apresenta importante contribuição para o campo dos estudos literários, da filosofia, e conteúdos interdisciplinares que investigam o antropoceno. Considerando o contexto de pesquisas sobre a era geológica atual em diferentes esferas do conhecimento (especialmente a literatura), o presente texto pode colaborar para ampliar o diálogo com pesquisas relativas à identidade de entes não-humanos na contemporaneidade.

## Referências

- BONNEUIL, C. & FRESSOZ, J. *The Shock of the Anthropocene*. London: Verso, 2016.
- CHAKRABARTY, D. “O Clima da História: Quatro Teses”. In: *Sopro*, n. 91, p.4-22, 2013.
- CHAKRABARTY, D. “The Anthropocene and the Convergence of Histories”. In: HAMILTON, et al. *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis*. New York: Routledge, 2015.
- CRUTZEN, P. “Geology of Mankind”. In: *Nature*, n.415, p.23, 2002.
- CRUTZEN, P & STOERMER, E. “The Anthropocene”. In: *IGBP* newsletter, n. 41, p.17-18, 2000.
- DE GRAAUW, T & FIORE, E. “Green/Environmental humanities”. In: BRAIDOTTI, R & HLAVAJOVA, M. *Posthuman Glossary*. London: Bloomsbury, 2018.
- FRESSOZ, J. “Losing the Earth Knowingly”. In: HAMILTON, et al. *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis*. New York: Routledge, 2015.
- GHOSH, A. *The Great Derangement*. London: Penguin, 2016.
- HAMILTON, C. et al. “Thinking the Anthropocene”. In: HAMILTON, et al. *The Anthropocene and the Global Environmental Crisis*. New York: Routledge, 2015.

HERE'S to unsuicide: an interview with Richard Powers. *Los Angeles Review of Books*. 07 de abril, 2018. Disponível em: <<https://lareviewofbooks.org/article/heres-to-unsuicide-an-interview-with-richard-powers/>>. Acesso em: 05 de ago. de 2020.

IOVINO, S. "Literature of Liberation". In: BRAIDOTTI, R & HLAVAJOVA, M. *Posthuman glossary*. London: Bloomsbury, 2018.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOUR, B. *Facing Gaia*. Cambridge: Polity Press, 2017.

LATOUR, B. *We Have Never Been Modern*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

MARQUES, L. *Capitalismo e colapso ambiental*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

MOORE, J. *Capitalism in the Web of Life*. London: Verso, 2015.

POWERS, R. *The Overstory*. New York: W.W. Norton & Company, 2018.

THUNBERG, G. "2019: London – Greta Thunberg wants her future back". In: *Lapham's Quarterly*, vol. XII, n.4, p.71-74, 2019.

TORRES, S. "O antropoceno e antro-po-cena pós-humana: Narrativas de Catástrofe e Contaminação". In: *Ilha do Desterro*, v.70, n.2, p. 93-105. 2017.

TREXLER, A. & JOHNS-PUTRA, A. "Climate change in literature and Literary Criticism". In: *Wiley Interdisciplinary Reviews Climate Change*, v.2, p.185-200. 2011.

WOHLLEBEN, P. *The Hidden Life of Trees*. Vancouver: Greystone Books, 2016.

YUSSOF, K. *A Billion Black Anthropocenes or None*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 2018.

ŽIŽEK, S. *Living in the End Times*. London: Verso, 2010.